

Lígia Sampaio Malagodi

Futebol Feminino
e a Educação Física Escolar: um estudo
visando ao incentivo da modalidade

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física
Campinas
1999

Lígia Sampaio Malagodi



Futebol Feminino
e a Educação Física Escolar: um estudo
visando ao incentivo da modalidade

Monografia de conclusão de
curso da Faculdade de
Educação Física -
Licenciatura, sob orientação
da Profa. Dra. Elizabeth
Paoliello Machado de Souza.

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física
Campinas
1999

Reflexões de uma noite

“O futebol feminino é representado por essa cadeira,

As roupas, os aspectos que o constituem.

Alguns já estão em seu lugar, mas precisam ser arrumados;

Outros, próximos de se efetivarem;

E outros ainda, distantes mas a caminho.

Os trajes que retirei

Não tiraram de mim o que eu fui ou o que eu sou,

Dentro, ou fora do futebol

Isso, só diz respeito a mim e a mais ninguém,

Mas uma coisa tenho certeza

Dentro de campo somos todas iguais”.

(Lígia Sampaio Malagodi – 05/11/1999 –
texto declamado na apresentação da monografia)

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres que têm, no
futebol, um pedaço de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eurico e Judith, pelo carinho, amor e apoio, tornando esse momento possível em minha vida.

Aos meus irmãos, Katia, Mônica, Caius, Fabíola e Marco, por terem me ajudado a crescer e me tornar a pessoa que sou hoje.

À minha grande amiga Dê, pela atenção, carinho, elogios, críticas e paciência nessa dura e gostosa caminhada da vida.

À professora e orientadora Beth, pela compreensão e ajuda de última hora.

Aos amigos e amigas: Paula, Renata, Cajá, Kelly, Luciano, Fernanda, Débora, Francesca, Marcelo (Bambi), Belém, Éden, Ana Paula (Coxa), e muitos outros que me encorajaram a lutar pelos meus direitos e sonhos.

Aos professores que estiveram comigo durante esses anos de formação e por terem propiciado mudanças significativas na minha vida.

RESUMO

Esse trabalho buscou enfatizar a importância da Educação Física Escolar com relação ao incentivo do futebol feminino, contribuindo para a minimização do preconceito. A Educação Física foi contextualizada historicamente, verificando as heranças que se refletem nos dias de hoje, tentando compreendê-la. O futebol tem motivos de sobra para estar inserido na escola. Ele possui uma carga motora, que ainda nos dias de hoje, não é explorada por todos os indivíduos, mais especificamente pelo gênero feminino. Isso acarreta uma desigualdade motora, propiciada pelos próprios pais e também reforçada pelos professores. Esse problema é reforçado pelo âmbito cultural, outro forte motivo para o futebol ser trabalhado na Educação Física. O futebol que já foi proibido para as mulheres em décadas anteriores, mostra-se com manchas visíveis, reforçadas pela sociedade machista em que vivemos. O Brasil está num processo de ampliação do número de praticantes da modalidade, seguindo a tendência mundial. Em pesquisa de campo desenvolvida neste trabalho, entrevistando indivíduos do sexo feminino, entre 14 e 30 anos, foram obtidos dados interessantes para o trabalho. Um número grande das entrevistadas jogaram futebol nas aulas de Educação Física, tendo nas instituições de ensino, o local onde a prática mais ocorre. Os homens lideram o quadro dos que mais proporcionam preconceito, depois, as mulheres e os familiares.

Os problemas com o futebol feminino e a sua disseminação estão muito mais ligados à sociedade do que à atividade propriamente dita. As instituições de ensino estão abertas para desenvolver uma nova situação, livre de qualquer restrição e preconceito.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1.Introdução..... | 01 |
| 2.CAPÍTULO I – Educação Física no Ensino Fundamental..... | 04 |
| 3.CAPÍTULO II – Futebol..... | 07 |
| 3.1. Futebol: atividade motora..... | 08 |
| 3.2. Futebol: atividade cultural..... | 11 |
| 3.2.1. A Questão do Preconceito..... | 13 |
| 3.2.2. A Questão da Violência..... | 15 |
| 4.CAPÍTULO III – Futebol feminino..... | 19 |
| 4.1. Na Escola..... | 19 |
| 4.2. No Brasil..... | 23 |
| 4.3. No Mundo..... | 27 |
| 5.CAPÍTULO IV – Fator de incentivo para a modalidade..... | 30 |
| 6.Considerações Finais..... | 32 |
| 7.Referências Bibliográficas..... | 33 |
| 8.Bibliografia..... | 35 |
| 9.Anexos..... | 36 |

1. Introdução

A montagem dessa monografia de final de curso está intimamente relacionada com uma grande vontade pessoal, a prática do futebol. O fato do meu contato com o futebol ter se dado quando criança, proporcionou-me uma elevada habilidade e facilidade, ajudando na expressão corporal e tendo controle sobre os movimentos relacionados à modalidade. Tudo isso contribuiu para me diferenciar de outras meninas da minha idade, principalmente com relação a minha bagagem motora, pois elas tiveram pouco contato com a modalidade e portanto não possuíam essa experiência motora. A escolha do futebol deu-se por interesse pessoal deve ser valorizada tal qual a escolha de outras modalidades, que também podem propiciar à criança um enriquecimento motor. A importância de uma estimulação motora para a criança é evidente e necessária, a diferença é facilmente percebida entre uma criança estimulada e outra não. A energia que ela possui normalmente é grande, e seria interessante que fosse direcionada, ajudando-a a exprimir-se melhor e a ter uma vida social saudável, fazendo com que desde cedo ela vivencie experiências que possam se revelar posteriormente, em situações reais de vida.

Pensou-se com isso no incentivo e na quebra do tabu, de que “futebol é coisa pra homem”. Certamente a aprendizagem na infância permita às crianças (meninas) essa estimulação à prática da modalidade numa fase subsequente.

A estimulação dessas crianças não deve ser feita tendo como objetivo o possível treinamento dessas meninas, mas sim para que elas possam ter a oportunidade de conhecer a modalidade, aumentando a liberdade de escolha, e enriquecer seu repertório motor.

Desde que pratico o futebol, tanto na escola como fora dela, percebo o quanto a modalidade feminina é motivo de muito preconceito (que trataremos adiante), tanto por parte das mulheres como dos homens. Isso pode ser identificado principalmente durante os meus anos escolares do ensino fundamental, onde meninos ficavam na “aula” de futebol e meninas na de voleibol ou handebol. As meninas não tinham escolha, aquelas que quisessem jogar futebol tinham que se arriscar em meio a gozações e empurrões, isso quando não eram rejeitadas pelos meninos. Por ter vivido essa situação, gostaria de contribuir para o fortalecimento do Futebol Feminino, ampliando o número de praticantes, buscando a diminuição do preconceito e incentivo à modalidade. O

preconceito para ser minimizado, deve ser tratado na sua raiz, portanto a aprendizagem da modalidade para as crianças do sexo feminino na época escolar, seria um grande começo para que isso acontecesse.

Nesse trabalho o futebol é entendido como uma atividade de auxílio, entre tantas outras, para o desenvolvimento motor da criança, que segundo Freire (1992) *“O ser humano, principalmente quando criança, precisa construir seus próprios meios de transporte para empreender essa viagem chamada vida”*(p. 28). A criança tem a necessidade de, quando pequena, experimentar o maior número possível de movimentos e participar o maior número possível de atividades motoras, pois isto a ajudará na execução de uma atividade mais complexa ou até mesmo em situações cotidianas, ou seja, ajudará na formação do seu repertório motor. Levando em conta tudo isso, Freire (1992) ressalva:

“(...) e só o que a gente espera é que esses conhecimentos todos da Matemática, da escrita e da leitura, da Educação Física, possam se entrelaçar num todo que garanta a esse aluno uma vida de participação social satisfatória, de dignidade, de justiça, de felicidade” (p. 220).

Além desses aspectos importantes relacionados ao desenvolvimento motor da criança, o futebol em nosso país tem uma grande carga cultural, e que desde criança lhe é transmitida.

Não é pouca a sua influência na vida dos brasileiros, um país que se “desliga” para assistir aos jogos da seleção masculina de futebol, demonstra uma grande identidade com tal modalidade. Muitas vezes extrapolando os limites dessa identidade e fazendo com que homens, em sua maioria, agridam e até matem outros, simplesmente por não torcerem para o mesmo time. É claro que a raiz dessa violência vem estampada em outros fatores, numa sociedade repleta de desigualdades, onde os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. O esporte é visto como uma maneira de crescer e ganhar prestígio, reconhecimento, e riqueza.

Justamente por esse quadro social, e inserido em uma sociedade machista, onde os homens têm seus direitos por natureza e as mulheres necessitam conquistá-los, o

futebol, jogado por mulheres, busca seu espaço. Espaço esse que após ter sido retirado em décadas anteriores, devido às leis de proibição à prática, ainda se mostra com cicatrizes.

Essa modalidade, hoje, vem crescendo apesar de muito preconceito por parte dos homens e, por incrível que pareça, também das mulheres, desmitificando a idéia de que a grande maioria das mulheres que jogam futebol são “sapatões” (homossexuais).

Em alguns países como os Estados Unidos e a China, o futebol feminino adquiriu grandes proporções e hoje é considerado um dos melhores do mundo. Um fato recente e que pude vivenciar bem de perto, foi a Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada no Estados Unidos (1999). Na sua terceira edição ela esteve mais espetacular do que nunca. Nos jogos finais, cerca de 90 mil pessoas lotaram o estádio Rose Bowl em Los Angeles, dentre elas, jovens (meninos e meninas) e famílias inteiras, realçando a presença de muitas crianças, principalmente do sexo feminino.

Por tudo isso, acredita-se que a estimulação à prática do futebol às meninas na Educação Física Escolar possa proporcionar um crescimento do número de praticantes na modalidade (times, clubes, lazer) e também uma diminuição nos mais variados tipos de preconceitos com relação à mulher, principalmente àquela que pratica o futebol.

2. Educação Física no Ensino Fundamental

“Art. 2º- A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (Saviani, 1997, p. 163).

Esse trecho acima faz parte do texto da Nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), princípios e fins da educação nacional. A educação assim como dever da família e do Estado, é direito de todos. A escola, uma das agências sociais que promovem a educação, transmite uma parte do patrimônio cultural entre as gerações. Com a aprovação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, os níveis de educação e ensino tiveram seus nomes alterados. A pré-escola passou à educação infantil; o primário e ginásio agora é ensino fundamental, área de estudo em nosso trabalho; o colegial passa a ser denominado, ensino médio.

O indivíduo que ingressa na escola passa a receber uma “enxurrada” de informações, independente de suas possibilidades de êxito. A escola deve proporcionar ao aluno condições favoráveis para que este consiga prosseguir no seu desenvolvimento educacional, porém existem outros fatores que influenciam nesse processo, como as condições de vida, alimentação, poder aquisitivo, entre outros. Não se pode desprezar esses fatores, mas pode-se trabalhar pela suas melhorias. É na escola que o aluno deve vivenciar as mais diversas situações que lhe ajudarão na vida.

A Educação Física exerce um papel importante na escola e colabora com uma fatia para o desenvolvimento do sujeito, permitindo-lhe a aquisição de um amplo conhecimento motor. Essa Educação Física que tratamos hoje sofreu grandes modificações, mas ainda traz traços do século passado.

O fato da sua vinculação com a classe média e instituições militares foi determinante para a concepção de sua finalidade, campo de atuação, forma de ensino e disciplina. Os médicos tiveram uma função higienista, modificando hábitos de saúde e

higiene da população, favorecendo a educação do corpo, físico saudável e equilíbrio orgânico. Paralelo a esse pensamento existiam outros, o político e o intelectual que se preocupavam com a eugenia¹. Devido a grande mistura de raças existente em nosso país, havia uma preocupação em manter a pureza e qualidade da raça branca.

A atividade física nessa época não era vista com bons olhos, “(...) *havia uma forte resistência na realização de atividades físicas por conta da associação entre o trabalho físico e o trabalho escravo.*” (Brasil, 1997, v. 19, p. 19). Essa visão influenciava na obrigatoriedade da atividades físicas na escola.

No início deste século, com o nome de Ginástica, a Educação Física esteve em evidência reforçando a sua importância no desenvolvimento integral do ser humano. Nessa época a Educação Física trazia traços europeus (sueco, alemão e francês) baseada no Movimento Ginástico Europeu que influenciou essa área no Brasil.

Novamente na década de 30, devido ao contexto político e histórico, ascensão das ideologias nazistas e facistas e as guerras, a Educação Física voltou a ter um caráter eugenista. Passado pelos militares, à Educação Física visava a preparar corpos fortes para a defesa da pátria. Isso ocorreu juntamente com objetivos higiênicos, compartilhados por instituições religiosas, militares, educadores e Estado. Ela, apesar de sua implantação nas escolas primárias, não teve sua efetivação na prática, pela falta de recursos humanos na área. Ainda nos anos 30, devido ao processo de industrialização, urbanização e ao estabelecimento do Estado Novo, a Educação Física tinha novas atribuições, que eram o fortalecimento dos trabalhadores para melhorar a capacidade de produção e desenvolvimento do espírito cooperativo em benefício da coletividade.

A obrigatoriedade da Educação Física para o ensino primário e médio veio com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Física de 1961. Foi nesse momento que o esporte começou a ganhar espaço, adequando-se a objetivos e práticas pedagógicas.

Com o crescimento da tendência tecnicista dos anos 60, a Educação Física teve seu caráter voltado para o desenvolvimento técnico e físico do aluno.

Na década de 70 ela se volta para o nacionalismo, integração e segurança nacionais, pois o Governo temia o crescimento das forças de oposição e com isso buscava a sua desmobilização. O esporte teve sua importância, pois acreditava-se que através dele poderia haver uma melhoria na força de trabalho.

¹ Eugenia – estudava as melhores condições à reprodução e melhoramento da raça humana.

A falta de especificidade da Educação Física a mantinha como maneira de desenvolver a aptidão física. O esporte desenvolvido a partir da quinta série foi uma maneira de descobrir novos talentos que pudessem representar o Brasil, tornando o esporte elitista, onde somente os mais aptos teriam essa chance.

Na década de 80 os resultados começaram a ser sentidos, não houve crescimento de praticantes e o Brasil não se tornou uma nação olímpica, causando uma crise de identidade dos pressupostos e discurso da Educação Física. A prioridade dada somente de quinta a oitava séries foi ampliada para a pré-escola e quatro primeiras séries, visando ao desenvolvimento psicomotor do aluno e isso fez com que a responsabilidade de descobrir novos talentos para o esporte de alto rendimento se desvinculasse da escola.

Debates se formaram, devido ao aumento de profissionais especializados na área e mudanças ocorreram com relação aos seus objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos. Diferentes teorias psicológicas, sociais e concepções filosóficas têm ampliado as reflexões a respeito da sua especificidade. Dentre essas concepções temos a da Cultura Corporal, e que tem como conteúdos: Jogos, Dança, Ginástica, Lutas e Esporte. É dentro desses conteúdos que o futebol é trabalhado e deve sê-lo tanto para os meninos como para as meninas, da mesma forma que a dança também deve ser para ambos. Segundo Brasil (1997) *“Muitas dessas diferenças são determinadas social e culturalmente e decorrem para além das vivências anteriores de cada aluno, de preconceitos e comportamentos estereotipados”* (p. 83). O futebol sofre grande crise no ensino, devido ao seu desgaste como esporte de massa. As escolas aplicam o futebol, utilizando-o simplesmente para diversão de seus alunos e não como uma atividade com caráter pedagógico. Há aquelas que ensinam o futebol considerando-o em sua amplitude, ou seja, explorando sua força popular e sua força enquanto conteúdo da cultura corporal. Nesse fator entra a questão do preconceito onde a oportunidade de se vivenciar uma extensa gama de atividades nem sempre tem sido possível para todos os alunos, principalmente com referência às meninas que na sua maioria não tem a oportunidade de jogar futebol.

3. Futebol

Originado na Inglaterra, foi trazido por Charles Miller para o Brasil em 1894. Brasileiro, paulista, era um profundo conhecedor das regras e excelente jogador. Esse esporte inicialmente de elite, produziu sua primeira forma de violência, a social e racial, chegando a proibir negros e ex-escravos de praticarem o futebol. Segundo Murad (1996) vários problemas, como agressões físicas e verbais, conflitos generalizados, propiciaram um combate ideológico através de campanhas pela mídia, pela extinção do futebol em alguns clubes do país. Várias táticas e estratégias foram usadas para evitar a popularização e democratização do futebol entre a população. Essas violências sociais, raciais e de gênero são uma constante na estrutura da sociedade brasileira.

Foi com a entrada de jogadores oriundos das camadas populares que o futebol brasileiro ganhou sua identidade, seu estilo próprio de magia e arte.

“Tal como a história da estrutura maior, a história do futebol brasileiro é marcada por diferentes práticas de violência, as quais depositam suas raízes nas complexas articulações políticas e ideológicas, dos múltiplos e variados campos sociais de poder.” (Murad, 1996, p. 91).

É nesse futebol brasileiro que estaremos nos aprofundando, analisando sua intervenção no plano cultural e motor.

3.1. Futebol: Atividade Motora

Dentro do futebol há um outro fator importante, a consideração da modalidade como atividade motora que contribui para o desenvolvimento do indivíduo. Segundo Ferreira (1994)

“As atividades desportivas e corporais, embutidas nas práticas regulares de educação física e na iniciação desportiva, aguçam de forma direta os domínios cognitivo e psicomotor da criança, e como sabemos, criança é movimento” (p. 03).

A aprendizagem do quadro motor se dá após o nascimento da criança, nessa fase a criança dispõe de todos os recursos necessário à sua sobrevivência e que não precisam ser aprendidos. Segundo Freire (1992), como a criança ainda não teve tempo para aprender quase nada, podemos observar nessa fase a presença dos movimentos automáticos, o que possibilita a sua mínima interação com o meio. Outros movimentos chamados espontâneos, porém ainda desorganizados, difusos, fazem relação ao corpo todo. Vencida essa primeira etapa, a criança parte para novas experiências motoras, mais arriscadas e mais difíceis. Na segunda fase motora ela, a criança, passa a ampliar seus domínios como cita Freire (1992), *“(...) a mão que podia pegar agora pode manipular objetos e levá-los à boca(...)” (p. 27).*

O papel do professor de Educação Física, quando tratamos de ato motor, é fazer a criança buscar meios de executar determinada tarefa que lhe é apresentada, assim como acontece quando pequeno onde aos poucos ela vai conseguindo pegar aquilo que quer. Porém não devemos de maneira nenhuma impor às crianças uma linguagem corporal que lhes seja estranha, segundo Freire (1992). Na pré-escola começa a surgir uma nova forma de ajuda para o desenvolvimento motor. Estamos falando do “mundo da fantasia”, nele a criança viaja dentro do seu mundo e fora dele, o que permite uma expansão daquilo que ela é capaz. Segundo Freire (1992): *“Quanto ao aspecto motor, os esquemas já construídos continuarão a se desenvolver(...)” (p. 37).*

Tendo como base da aprendizagem as etapas acima citadas, é que podemos desenvolver o futebol como conteúdo da Educação Física na maioria das escolas, tentando abordá-lo de forma pedagógica, o que nem sempre vem acontecendo. Levando essa consideração para o lado de nosso interesse, o futebol feminino, podemos ver um problema ainda maior que, segundo Daolio (1997), é a preferência por parte dos pais e dos professores terem suas filhas ou alunas “antas”. Trata-se de meninas que, devido a restrição de atividades durante a sua infância pelos pais ou professores, se tornaram “incapazes” de fazer determinadas atividades.

“Para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, pressupõe ir contra uma tradição. Implica ser chamada de “machona” pelos meninos ou ser repreendida pelos pais”(Daolio, 1997, p. 83).

Muitas das nossas habilidades motoras estão relacionadas à aprendizagem na fase infantil e é nessa fase também que ocorre a diferenciação motora entre os sexos. Muitas vezes são os hábitos corporais masculinos e femininos diferenciados que tornam um sexo mais hábil do que o outro, em termos motores, segundo Daolio (1997), o qual reforça que, *“(...) essas diferenças dizem respeito também ao aspecto biológico, chegando até as motivações e os interesses de um e de outro sexo para atividades específicas”* (p. 81).

Por essas informações parece fácil e claro afirmar que o corpo feminino é construído de forma diferente do corpo masculino, segundo Daolio (1997).

“Se os pais reforçam a condição de “antas” de suas filhas, cabe aos professores de educação física começar a discutir esse tema em suas aulas. Se há uma tradição social que reproduz a inabilidade motora das mulheres, os

professores também possuem prestígio social para iniciar um processo de revisão desses conceitos” (p. 85).

Quanto mais rica for a história motora da criança, mais chances de formar uma base sólida para a vida.

“Posto isso, temos que admitir, portanto, que a história de experiências de vida será fundamental para a organização motora e intelectual da criança. Uma história rica em experiências formará bases mais sólidas para a inteligência, para a afetividade ou para a sociabilidade da criança. Por outro lado, uma história pobre levaria a um comprometimento dessas estruturas. Estamos chamando por experiências ricas e envolvimento em situações que solicitem atitudes diversificadas” (Freire, 1998, p. 31).

Ter como ponto inicial de que meninos e meninas podem passar por experiências iguais e desafiadoras, ajudará para a construção de uma nova mentalidade, igualitária e não sexista.

O pouco que as crianças brincam hoje em dia, o fazem em casa, mesmo porque o medo da violência não permite aos pais deixarem que seus filhos brinquem como buscavam na sua infância, e também pela comodidade eletrônica que segundo Freire (1992) “(...) a atual geração infantil de apartamento movimenta mais os dedos num videogame e num sintonizador de televisão do que o corpo como um todo” (p. 12), fazendo das crianças verdadeiros gênios robotizados.

3.2. Futebol: Atividade Cultural

O futebol brasileiro têm uma grande importância na relação social, econômica e principalmente cultural existente em nosso país. Esse é o esporte que une massas das mais variadas culturas e credos, e que consegue em épocas de campeonatos mundiais parar todo um país para torcer. Em qualquer canto do país pode-se observar pessoas, principalmente crianças e jovens, jogando uma “pelada²”. Dificilmente uma criança, principalmente do sexo masculino, no Brasil, chega à fase adulta sem ter vivenciado pelo menos um pouco do futebol, direta ou indiretamente.

Segundo Baronti (1996), o futebol no seu início era limitado a uma pequena classe, a elite, mas aos poucos ele passou a ser difundido pelos colégios utilizado como forma de recreação. As mulheres em contraposição a isso, homenageavam os seus lindos jogadores, sendo os jogos de certa forma, uma maneira dos homens desfilarem a sua masculinidade. Aos poucos os lugares para se jogar futebol foram surgindo, porém não poderiam ser chamados de “campos”. Quando os clubes surgiram, houve maior divulgação da modalidade fazendo com que a torcida começasse a surgir e a modalidade tornasse praticável pelas classes com menor poder aquisitivo. Assim, essa torcida começou a se identificar com o seu time e a torcer cada vez mais “com o coração”. O futebol tornou-se um objeto de realização para a sua torcida que nos, momentos difíceis devido à crises políticas e econômicas no país, procurava algo que lhe fizesse feliz. Todo o processo do futebol tem uma grande identidade com a realidade da sociedade, principalmente em se tratando de níveis das classes sociais. Muito do que acontece no mundo esportivo tem os seus delineadores e alguns destes são de ordem social, econômica, tecnológica, política, religiosa, pedagógica etc; dando ao esporte um determinado significado.

Essa relação de esporte e sociedade não tem apenas um caminho mas vários pois (Esteves apud Cavalcanti, 1984) “(...) o que há de característico e fundamental no desporto é, justamente, o que define e caracteriza a sociedade em que ele se realiza” (p. 11).

²Pelada - "Jogo de futebol ligeiro, sem importância, em geral entre garotos ou amadores, e que se realiza em campo improvisado" (Ferreira, 1986, p. 1297).

Essas características citadas acima e comuns entre o esporte e a sociedade tem na sua história a explicação do fato. Com o processo de industrialização as pessoas passaram a ter um tempo livre muitas vezes utilizado para a prática de esportes (atividade recreativa), segundo Cavalcanti (1984). Pode-se por aí dizer que o esporte moderno teve seus traços na sociedade industrial (Brohm apud Cavalcanti, 1984). A importância política do esporte emergiu quando este, através da fácil locomoção (meios de transporte) e grande divulgação, pôde aumentar consideravelmente o número de adeptos. Este então se tornou um esporte de massa e tipicamente um fato de civilização (Cavalcanti, 1984). O desenvolvimento do esporte foi reflexo do crescimento das forças produtivas.

O esporte leva consigo, desde sua origem, uma marca de democracia pois propicia a todos os participantes uma igualdade, não se admitindo qualquer barreira artificial, racial ou política. Isso pode ser melhor afirmado por Cavalcanti (1984): *“Na competição esportiva as condições pré-estabelecidas de participação são iguais para todos, rompendo, desta forma, com quaisquer obstáculos antidemocráticos que impeçam sua realização”* (p. 41).

Com o seu segmento histórico o esporte teve no capitalismo o seu impulso, porém direcionado muito mais para o rendimento do que como atividade recreativa. Talvez uma explicação para essa tendência capitalista esteja centrada na tendência de aprimorar os movimentos humanos levando em consideração a perfeição dos movimentos de uma máquina. A partir desse momento o esporte torna-se uma atividade mais complexa, assim como cita Cavalcanti (1984): *“(...) o esporte distancia-se do jogo para se transformar numa atividade bastante complexa e de caráter econômico”* (p. 43).

Alguns continuaram se utilizando do esporte pois devido aos interesses de sempre alcançar os melhores resultados, começou-se a selecionar esses que poderiam se tornar campeões e a trabalhar intensamente com eles.

Segundo Meynaud (apud Cavalcanti, 1984), *“(...) não é difícil descobrir relações entre a prática esportiva e a estratificação social”* (p. 44). Muitas modalidades esportivas são privilégios de uma determinada classe, sendo desconhecida, a prática dessa modalidade por outra classe social. Dentro dessa hierarquização de modalidades esportivas e classes sociais, a primeira oferece uma certa mobilidade, o que já não acontece com a segunda. Afirmado por Cavalcanti (1984): *“Por suas possibilidades de promoção e êxito, o esporte oferece uma esperança de triunfo na sociedade”* (p. 44).

Dentro desse processo de ascensão social pelo esporte existe algo muito importante e perigoso que é a manipulação das massas. Devido a interesses políticos o esporte é utilizado para distrair o público, convertendo as aclamações do esporte para o campo político (Cavalcanti, 1984). A mídia tem importância nesse papel de manipulação, principalmente nos tempos modernos, envolvida por tecnologia e interesses econômicos e sociais. O sensacionalismo é uma das armas utilizada por ela, que choca e promove as mais diversas reações da população. As constantes cenas de violência mostradas e comentadas tornam o assunto repetitivo, fazendo que tal fator torne-se "natural" e aceitável. Segundo Michaud (1989) "*... não há dúvida de que as imagens da violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que ela é, em suma: banal*" (p. 51).

3.2.1. A Questão do Preconceito

Assim como a mídia provoca fatos ruins para a nossa sociedade, ela pode ser muito útil para acelerar o crescimento da prática esportiva de certas modalidades não muito difundidas em nosso país, e também para minimizar preconceitos³ existentes e advindos de outras épocas, como no futebol feminino. Este hoje apresenta traços das décadas anteriores, talvez pelo fato de que na década de 70, o grande clássico de futebol feminino estava representado por nomes de bares de encontros de lésbicas de São Paulo, *Moustache x Panterinhas*, segundo artigo de Revista Veja (31 de março de 1999). Isso acabou por estigmatizar a todas as mulheres que calçassem chuteiras no nosso país. Mas este não é um fato que está presente somente em nosso país, até mesmo os mais avançados na modalidade vem demonstrando preocupação com tal tema.

Segundo Moller (1998), as mulheres que são consideradas como lésbicas, são olhadas como seres inferiores na nossa sociedade, com conotação negativa. Mas até mesmo pessoas que não o são, acabam sendo maltratadas simplesmente por estarem neste meio esportivo. Por esses fatores o artigo coloca que a nossa sociedade é

³ Preconceito - "Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida" (Ferreira, 1986, pg. 1380).

homofóbica⁴ e homonegativista⁵. As instituições esportivas pregam um heterossexualismo obrigatório, expectativa e aceitação do heterossexualismo como única orientação sexual apropriada. Por esse motivo as atletas, mesmo optando pela homossexualidade, são obrigadas a terem uma conduta heterossexual, a se conformarem com uma imagem heterossexual, assim como é reforçado pela mídia.

O esporte pode ser considerado restritivamente masculino, pois são por estes que os parâmetros são delimitados, eles estão constantemente reforçando sua masculinidade e enfatizando suas diferenças em relação à mulher. Só que hoje esse quadro está mudando e as mulheres já ganharam muitos espaços e continuam avançando. Para esses homens, perder o poder para as mulheres, principalmente lésbicas, tem sido um golpe duro, que gera angústia e medo. Pelo fato das mulheres serem consideradas como mais vulneráveis e sensíveis, os homens as têm rotulado de lésbicas no esporte, como uma maneira de intimidá-las. Segundo esse mesmo artigo, na Noruega, nos esportes de alto rendimento, não existem homossexuais assumidos, pois isso os impediria de permanecer nas equipes. Por esse motivo muitos atletas têm gasto muita energia para manter em sigilo sua identidade sexual. Aqueles que assumem publicamente sua preferência sexual sofrem com as especulações.

Assim como ocorre no futebol feminino, outros esportes também tem sido motivo de atenção por parte da mídia com relação a esse assunto. A Revista Veja (31 de março de 1999) mostrou o caso do jogador de voleibol Lilico, que revelou ser homossexual, e por esse motivo correram boatos de que não tinha sido convocado por preconceito. Outro caso foi da tenista francesa, Amelie Mauresmo, de 19 anos, que assumiu ser homossexual, desencadeando discursos preconceituosos por parte de outras jogadoras, comentando que a sua força física parecia ser igual a de um homem. A mídia deve ter um papel construtivo nesse assunto, mas é importante que também as organizações esportivas estejam preparadas para trabalhar com este fato de forma adequada. Tudo é uma questão de interesse, pois se a modalidade pode acarretar sucesso de audiência e retorno financeiro, estes motivos podem ser fatores de escolha.

⁴ Homofobia – medo irracional e intolerância da homossexualidade, homens gays ou lésbicas e um comportamento que é percebido como fora dos limites do comportamento tradicional esperado. (Moller, p. 103, 1998)

⁵ Homonegativismo – comportamento intencional e irracional, e atitudes negativas para com os não heterossexuais. (Moller, p. 103, 1998)

3.2.2. A Questão da Violência

A mídia, contribuidora, pode ser também destruidora, elevar ou diminuir a fama e o prestígio de certo esportista, principalmente com relação ao futebol em nosso país, que pode ser considerado o ópio do povo. Verifica-se por isso algumas conseqüências da idolatria no esporte, uma exacerbação por parte das torcidas que incorporam demasiadamente o espírito de luta, uma dessas conseqüências a violência⁶.

Nas palavras de Carvalho (1985):

“(...) o espectador do jogo perde a consciência reflexiva para se integrar e participar numa grande <cerimônia> em que se <dissolve> como personalidade e se molda a uma misteriosa personalidade colectiva que passaria a orientar o seu comportamento” (p. 122).

Pode-se supor que quando as pessoas estão em eventos esportivos, toda a sua atenção e o seu emocional estão voltados para as situações de jogo, tanto a derrota como a vitória, defendendo de forma impulsiva o seu time. Daolio (1992) pode relacionar essas emoções com o cotidiano na seguinte citação: *“(...) as emoções que o torcedor vive num estádio de futebol podem ser associadas àquelas que ele vive em sua vida cotidiana”* (p. 60).

Todo espetáculo que empolga e motiva tem seus acontecimentos integrados na vida de cada espectador e que provoca uma determinada reação, levando em conta os problemas individuais de vida de cada um, segundo Carvalho (1985). Nos meios populares essa violência está quase sempre ligada à dureza das condições de vida e da luta pela sobrevivência, segundo Michaud (1989).

O futebol feminino hoje, por exemplo, é reflexo de acontecimentos passados vividos pelas mulheres junto à sociedade esportiva da época. Segundo Castellani Filho

⁶ Violência - "Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação" (Ferreira, 1986, p. 1779).

(1994), as mulheres deveriam ser fortes para gerar filhos saudáveis e os homens para defenderem a pátria. Essa conduta fazia parte de uma Educação Higiênica⁷ e Eugênica.

Padrões foram estabelecidos com relação à conduta da mulher da época. Segundo Castellani Filho (1994), a Educação Física deveria ser higiênica, abrangente e plástica, contendo jogos infantis ligados aos trabalhos manuais, ginástica e esportes, desde que estes não fossem violentos e compatíveis à delicadeza do organismo feminino.

Todas essas considerações acima citadas com relação à Educação Física não devem ser separadas da correlação *mulher-mãe*. A superioridade masculina sobre a feminina emergiu nessa época, não devido tanto a determinantes sócio-culturais mas a bio-fisiológicos, segundo Castellani Filho (1994).

Todo o desenrolar da infância das meninas e dos meninos é cercada de desigualdade, desde os brinquedos até o enxoval, tudo colabora para que capacidades diferentes floresçam e acabem por diferenciar os dois sexos.

Castellani Filho (1994) fecha todas essas idéias com o trecho seguinte:

“(...) além de oportunizarem aos homens, maiores possibilidades de se desenvolverem em destrezas físicas, acabaram por reforçar o pensamento dominante acerca do papel da mulher na sociedade brasileira(...), estigmatizou sua imagem, associando-a quase que somente à idéia de mãe”(p. 60).

Foi por tudo isso que documentos legais foram redigidos, especificando o que ela poderia e deveria fazer dentro da sociedade da época. Segue algumas Leis e Decretos citados por Castellani Filho (1994):

⁷Higiênica - educação que cuidava da higiene dos corpos, buscando o corpo saudável.

DECRETO-LEI Nº 3199 - 14/04/41

Art. 54 - Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

DELIBERAÇÃO - CND⁸ - Nº 7/65

Nº 1 Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

Nº 2 Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball.

No Brasil, somente com o desenvolvimento econômico e social dos tempos modernos, é que as mulheres vieram à tona, de forma lenta, penosa e irregular. Porém, muitas mulheres estão trabalhando em cargos elevados e muito rentáveis, rompendo com o machismo existente no trabalho, mas em casa ainda acumulam as tarefas domésticas. Segundo Grandino et al (1986) esse machismo tem proporções trágicas e cômicas, porém mais a primeira, o que dá origem à violência contra a mulher, desde coação moral até violência física. Esse quadro é devido às próprias leis vigentes em nosso país, principalmente do Código Civil que delega ao homem a chefia conjugal, dando-lhe direitos e deixando a mulher em um nível inferior. Os preconceitos e discriminações sofridos pela mulher estão ainda muito mais fortes na sociedade, do que no esporte, pois neste o grau de liberdade e mobilidade é maior.

O que aqui queremos dizer, não é que a mulher deve ter regalias mas sim estar no mesmo nível do homem, com os mesmos direitos, tanto na sociedade como no esporte. Segundo Grandino et al (1986) “... precisamos trabalhar juntos, homens e mulheres, para alcançar um estágio mais justo de vida, uma organização social mais justa para ambos, quaisquer que sejam suas preferências sexuais” (p. 21).

⁸ CND – Comissão Nacional de Desporto

O quadro do futebol feminino hoje, é consequência desses acontecimentos anteriores, intimamente relacionados com a cultura do povo. Não existe fundamentos na afirmação de que a mulher não tem capacidade de praticar o futebol, pelo contrário, acreditamos que a mulher possui várias características que o tornam muito bonito. A popularidade da modalidade feminina está em ascensão e isso pode cada vez mais aumentar dependendo da história que vamos fazer daqui para frente.

4. Futebol Feminino

4.1. Na Escola

Estaremos tratando nesse capítulo da prática do futebol feminino nas escolas, levando em consideração, trabalho desenvolvido na área e experiências vividas.

Na época em que estive no ensino fundamental, de 1985 a 1992, muitas experiências vivi nas aulas de Educação Física, mas pouca coisa me recordo claramente, principalmente com relação às atividades realizadas nas séries iniciais da minha educação. Nas primeiras séries, o que me lembro é que qualquer atividade que nos era proposta, fazíamos sem reclamações. Tudo era novo e queríamos explorar o que estava ao nosso alcance. É certo que nossas atividades, para os professores de Educação Física da escola, eram simples e por isso não cobrávamos empenho ou aprofundamento sobre o conteúdo trabalhado, pelo menos era assim que eu pensava ser.

Conforme eu e meus colegas mudávamos de série, mudava também o nosso interesse, e não era mais qualquer coisa que nos prendia. Em ponto, sou suspeita para falar pois sempre gostei de estar em movimento, não importando qual atividade proposta. Mesmo adorando as aulas de Educação Física, muitas vezes pedi liberação com apresentação de atestado médico, talvez pelo fato dos professores não saberem como envolver os alunos naquelas atividades, acabando por nos deixar fazer o que gostávamos.

Me lembro muito bem dos anos em que estive nas séries finais, sexta, sétima e oitava. Devido à mudança de interesses e comportamento dos alunos, relativos ao desenvolvimento físico e intelectual, fazer com que a participação nas aulas fosse grande, era quase impossível. Muitas meninas ficavam sentadas, observando, conversando ou fazendo trabalho de outras disciplinas, algumas participavam, mas somente naquilo que queriam e que gostavam. Aquelas que queriam fazer outra atividade, como eu, se juntavam aos meninos. Eu, que gostava muito de Educação Física e às vezes era citada como exemplo pelos professores, participava das aulas, mesmo quando as meninas não queriam fazê-las. Sempre estive junto com os meninos, jogando futebol, era a aula que mais gostava. No começo, minha aceitação pelo grupo foi um pouco difícil, mas como a maioria vinha me acompanhando de anos anteriores, consegui esse espaço. Algumas de minhas amigas até queriam jogar futebol, mas fazer um time só de meninas era impossível. Acabavam por ficar de fora, pois tinham

vergonha, medo de jogar com os meninos. Desse problema nunca sofri, pois sempre brinquei com meus irmãos mais velhos, “apanhava”, brigava, chorava, mas estava lá. Além disso, brinquei muito com os meninos da minha vizinhança, levando muitos deles para jogar futebol em minha casa.

Essa minha vivência fez por me diferenciar das meninas que não a tiveram. Talvez pela própria vontade destas, ou pelo motivo dos professores de Educação Física não desenvolverem as atividades de forma motivante e sem exclusão por gênero, preconceito, capacidades, características físicas, entre outras. Esse é um ponto importante, que quero enfatizar.

Por todos esses acontecimentos em minha vida, e talvez, na vida de muitas outras pessoas é que se faz necessário abordar o assunto de forma responsável, tentando visualizar um programa de ensino, onde as diferenças sejam deixadas de lado e que se valorizem a etapa da vida em que os indivíduos se encontram.

Segundo Daolio (1997), nas séries iniciais do ensino fundamental, nas aulas de Educação Física, os elementos da cultura corporal devem ser trabalhados de forma vivencial, propiciando ao aluno aumentar o leque de oportunidades motoras. Nas séries intermediárias, a ênfase deve ser dada para o desenvolvimento e reconstrução das técnicas esportivas. Na etapa final, os alunos já estarão dotados de uma capacidade cognitiva superior às fases anteriores e para tanto terão capacidade de compreender, criticar e transformar a cultura corporal. Para que o aluno tenha essa capacidade de intervir na cultura corporal, vários conteúdos devem ser abordados: Dança, Lutas, Ginástica, Jogos e Esportes. O futebol está presente no conteúdo Esporte, e por ser um esporte tão praticado em nosso país, pela força cultural e também motora, é que deve ser trabalhado. Assim como já descrito, o futebol nas séries (ciclos) iniciais deve ser trabalhado de forma vivencial, onde todos possam participar, meninos e meninas, independentemente de suas características físicas.

Em estudo recente feito por Malagodi (1999), sobre o desenvolvimento do futebol para meninas nas primeiras séries do ensino fundamental, dados foram coletados e podemos citá-los. As escolas pesquisadas, da cidade de Jundiaí-SP, estavam proporcionando a disseminação da modalidade e minimização do preconceito sofrido, muitas vezes pelos próprios professores, alunos e alunas. Os conteúdos trabalhados na Educação Física, eram os mesmos para meninos e meninas, não ocorrendo separação por motivos de capacidade física. Nas aulas em que o futebol era abordado como conteúdo, as meninas tinham participação quase total, algumas esboçaram resistência à

participação. Algumas escolas tinham uma colaboração mais forte, pois além de trabalharem o futebol de forma a contemplar meninos e meninas, possuíam escolinhas de esporte, onde meninas mais velhas participavam de campeonatos, representando e divulgando a escola, pois o futebol feminino nos últimos tempos vem chamando a atenção de muita gente. Mas o fato da participação de algumas meninas nessas escolinhas, não deixa livre a participação das mesmas, nas aulas de Educação Física, principalmente porque os objetivos são diferentes.

Mas dependendo da abordagem dada a esse conteúdo, ela pode perder a sua capacidade educativa, sendo praticado apenas pelas pessoas com habilidade para tal.

Isso talvez venha acontecendo nas escolas, porém os professores de Educação Física que entram para tentar mudar esse quadro, sofrem resistência por parte da escola, principalmente dos alunos, especificamente dos meninos. Ensinar futebol em nosso país tornou-se uma investida complexa e difícil, pois não são todos que aceitam sugestões e alterações na prática, tendo vivenciado, brincado desde criança.

As meninas, por fatores já discutidos anteriormente, são alvo de exclusão e sofrem, ou sofriam com esse preconceito. Isso se deve, ainda mais, porque estas são “poupadas” da vivência quando pequenas. Chegam à escola com uma desigualdade motora, com relação aos meninos, que é reforçada pelos professores, quando as separam dos meninos, pela capacidade de fazer tal atividade ou não.

A prática do futebol na escola para as meninas é uma maneira de iniciar uma nova visão, um novo pensamento. Trabalhar com elas para que o futebol seja uma atividade como as outras tantas nas aulas, incentivando a sua prática e rompendo com preconceitos revelados por algumas meninas. Não devemos esquecer de que os meninos também devem participar nesse processo, permitindo a introdução das meninas ao futebol e não disseminando preconceitos que prejudiquem tal evolução. Quando falamos em romper preconceitos, o problema vai além da escola, está presente dentro das famílias, com os pais. Estes educam seus filhos (as) para certas atividades, o que vestir, com quem e por onde andar. É preciso promover a participação dos pais juntamente com os filhos, mostrando que o futebol é uma atividade “unissex”, tanto para homens como para mulheres. Fazer com que o ambiente escolar, principalmente as aulas de Educação Física, vá além da escola e do aluno, talvez isso propiciará grandes evoluções ao futebol feminino, especificamente.

O sexismo que ainda é abordado em muitas escolas, está se tornando um motivo de luta, combate, pois promove a desigualdade e reforça diferenças inexistentes quando falamos de crianças que estão iniciando a sua vida escolar.

4.2. No Brasil

O futebol masculino no Brasil é um esporte e um negócio que movimenta uma grande quantidade de dinheiro. Cada passo tomado pela Seleção Brasileira é noticiado nos mais diversos meios de comunicação do mundo todo. Os jogadores mais importantes são entrevistados e têm suas fotos colocadas nas páginas de frente de jornais e revistas dedicados ao esporte.

Em contraste a esse cenário de muita riqueza e fama do futebol masculino, o feminino, embora não seja novo em nosso país, até hoje não conseguiu o apoio das autoridades do futebol no Brasil.

Perante esse cenário podemos ver um tratamento injusto. As vésperas dos Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996, nenhuma referência foi feita com relação as nossas corajosas jogadoras ou aos jogos que fariam por lá. Por ironia do destino, a seleção feminina conseguiu ficar na mesma posição (quarto lugar) que a seleção masculina, porém com grande louvor, pois as perspectivas não eram nada animadoras. Superaram obstáculos e conseguiram os resultados. Infelizmente a nossa cultura tradicional machista não tem dado aos homens dos meios de comunicação esportiva, os comentaristas, coragem suficiente para reconhecer honestamente o jogo técnico e maravilhoso que nossas meninas realizam no campo. Eles não precisam levar em consideração as pernas, o corpo da mulher ou o seu jeito de ser, e sim o modo como o futebol é jogado.

Felizmente, temos algumas exceções na nossa mídia. A TV Bandeirantes, de São Paulo, foi a primeira emissora brasileira a transmitir jogos entre times femininos para o resto do país. Um outro exemplo foi a Rede Manchete.

Após a terceira edição do Campeonato Mundial de Futebol Feminino, realizado nos Estados Unidos entre 16 de junho e 10 de julho de 1999, porém, poucas foram as notícias divulgadas nos meios de comunicação no Brasil. Em 16 de fevereiro de 1999, no jornal Folha de São Paulo, uma grande nota de primeira página, falava do sorteio das chaves do campeonato e que o Brasil teria caído no “grupo da morte”. Ao contrário do que acontece no Brasil, onde há pouco interesse na transmissão de jogos, nos Estados Unidos, dos 32 jogos que foram disputados no Campeonato Mundial, 26 tiveram transmissão ao vivo pela ESPN (rede especializada em esportes) e a ABC (uma das três

maiores emissoras do país). Até mesmo o sorteio das chaves, realizado dia 14 de fevereiro de 1999, teve transmissão para todo o país.

O desenvolvimento dos jogos de futebol feminino no Brasil, até mesmo tendo Pelé (ex-ministro extraordinário de esportes) e João Avelange (ex-presidente da FIFA) como autoridades e torcedores do esporte, não teve mudança.

A prática do futebol feminino foi iniciada no Brasil por volta dos anos 30, segundo site da internet⁹, mas por muito tempo foi discriminado, por leis já citadas anteriormente. Assim como houve um crescimento na popularidade e no número de praticantes nos anos 70 e 80 em nível internacional, no Brasil também houve uma grande proliferação de clubes e times. Porém somente nos últimos anos houve um avanço marcante.

O primeiro torneio de futebol feminino no Brasil foi em 1981, na praia de Copacabana, Rio de Janeiro. O primeiro Campeonato oficial também foi no Rio de Janeiro, em 1983. O futebol feminino era dominado pelo Esporte Clube Radar, que venceu as seis primeiras etapas do campeonato nacional e começou a fazer jogos amistosos contra a Espanha, em 1982, representando a seleção nacional. Isso ocorreu de 1983 a 1987, quando se estabeleceu a escolha e apoio a uma seleção nacional. A própria organização da Seleção Nacional era representada pelas melhores jogadoras do Brasil, preferivelmente dos melhores clubes, e que, em 1991, participaram dos jogos classificatórios (Campeonato Sulamericano), onde a primeira colocada iria participar do Campeonato Mundial de Futebol Feminino da FIFA, que seria realizado na China. Apesar da escolha das melhores jogadoras, dezesseis das dezoito que faziam parte da seleção eram do Esporte Clube Radar. O Brasil venceu o campeonato Sulamericano, ganhando do Chile por 6 a 1 e da Venezuela por 6 a 0. Embora elas tenham ficado em terceiro lugar, em 1988, no Torneio Internacional da FIFA na China, terminaram o primeiro Campeonato Mundial de Futebol Feminino de 1991 em nono lugar.

Nos jogos classificatórios para o Campeonato Mundial da FIFA em 1995, realizado na Suécia, a Seleção Brasileira venceu o Equador por 13 a 0, o Chile por 6 a 1, a Argentina por 8 a 0, e a Bolívia por 15 a 0, vencendo assim, pela segunda vez, o Campeonato Sulamericano. Na segunda edição do Campeonato Mundial, o Brasil ficou em nono lugar. Fator que também contribuiu para esse crescimento foi o quarto lugar alcançado nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996.

⁹ Site da internet – www.aoki.eng.br/beto/feminino.htm

Novamente venceu o Campeonato Sulamericano de 1998 e se classificou para a terceira edição do Campeonato Mundial, realizado nos Estados Unidos, em 1999. No próximo capítulo estarei tratando desta edição com maiores detalhes, pois foi uma experiência vivida por mim como expectadora.

Hoje no Brasil, o futebol feminino vem aumentando muito. Vários campeonatos já foram realizados, a Paulistana (Campeonato Paulista), Torneio Primavera, o Campeonato Brasileiro, entre outros, porém ainda em proporções pequenas e sem maiores repercussões. A maioria das jogadoras que defenderam a nossa seleção no Mundial, são praticantes de futsal (futebol de salão), modalidade mais praticada do que o futebol de campo. Mas esse quadro vem mudando, estas jogadoras estão representando clubes grandes, de nome, como o São Paulo Futebol Clube, Palmeiras, Vasco da Gama, entre outros. Recentemente publicado pelo jornal Lance (9 de outubro de 1999), pela primeira vez na história do futebol feminino uma jogadora é contratada oficialmente por um clube. Trata-se da jogadora Sisi, contratada pelo Palmeiras. A primeira transação profissional do futebol feminino brasileiro. Sisi, a segunda melhor jogadora da Copa do Mundo de 1999, estava inscrita na Federação Paulista de Futebol pelo São Paulo Futebol Clube, mas não estava atuando pois tinha contrato com a equipe da Sabesp, de futsal, o que, segundo a própria jogadora, era uma maneira de sobreviver do futebol. Esse acontecimento marca o início da profissionalização no futebol feminino. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), pretende regularizar a situação das jogadoras amadoras, juntamente com as Ligas filiadas às federações. Isso é justificado pelo ótimo desempenho da Seleção Brasileira, terceiro lugar, na Copa do Mundo nos Estados Unidos deste ano (1999).

É uma pena que em nosso país, as estruturas ainda estejam deficitárias, tanto na organização esportiva, quanto na transmissão de eventos e divulgação de resultados. Falo isso porque são pouquíssimas as notícias sobre o futebol feminino nos jornais esportivos e também, por um fato recente que causou minha indignação e de muitas outras pessoas, a não transmissão de nenhum jogo da Seleção Brasileira Feminina, da Copa do Mundo dos Estados Unidos.

Será que não é interesse da mídia expandir o futebol feminino? Será que ele não pode ser um gerador de renda? Acho que isso somente o tempo poderá nos dizer.

Os clubes ainda não estão cientes de como essa modalidade pretende aumentar, gerar empregos e também renda. Alguns já deram o primeiro passo, e é através desses que são mostradas as melhores jogadoras, presentes na seleção nacional. São Paulo,

Lusa Santana, Vasco da Gama, Esperança, Palmeiras, Juventus, são os principais, que cederam suas jogadoras para a última Copa do Mundo.

4.3. No Mundo

O primeiro jogo oficial de futebol feminino foi realizado em 1896, na Inglaterra, entre as seleções inglesa e escocesa¹⁰. Nos anos 70 e 80 o futebol feminino teve seu número de praticantes e a sua popularidade aumentada, principalmente nos países escandinavos, Estados Unidos e China (atuais campeã mundial e vice). Levando em consideração esses dados, podemos nos dirigir a uma prática do futebol pelas mulheres há mais de 100 anos, mas que somente teve seu fortalecimento há duas, quase três décadas atrás. É claro que assim como falamos das dificuldades encontradas no Brasil, para aceitação e crescimento da modalidade, em outros países isso também ocorreu, mas por motivos que não iremos nos aprofundar, conseguiram superar com mais facilidade, como Noruega, China, Suécia, Estados Unidos, entre outros. Não vou tentar buscar uma explicação lógica e única para a prática crescente do futebol feminino nesses vários países, mesmo porque cada um possui a sua cultura e valores, diferentes uns dos outros.

Recentemente tive uma experiência que muito me valeu, tanto para a vida pessoal como para a profissional. Particpei como voluntária na Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada entre junho e julho de 1999 nos Estados Unidos.

Participar de um evento como esse fez crescer a vontade de estudar, pesquisar ainda mais essa modalidade. Fiquei em viagem durante trinta dias pelos Estados Unidos, principalmente no Estado da Califórnia, onde estavam duas das sete sedes do mundial (Boston, Chicago, NY/New Jersey, Portland, Washington DC, San Francisco Bay e Los Angeles). Esse tempo me fez entrar no espírito da Copa, mesmo não estando hospedada apenas em uma cidade. Tive a oportunidade de assistir a quatro jogos, realizados no estádio Rose Bowl em Los Angeles, sendo dois deles a disputa de terceiro lugar (Brasil x Noruega) e a de primeiro lugar (Estados Unidos x China). Nesses jogos pude observar uma grande adesão por parte do público, famílias inteiras passavam o dia no estádio, era realmente um momento de diversão e lazer, afinal de contas as crianças estavam em período de férias escolares. Aqueles que estavam trabalhando no serviço voluntário o faziam com muito prazer, desde faxineiros até acompanhantes das grandes autoridades da FIFA. As redes de televisão vieram dos mais variados lugares, porém não tenho informações sobre a existência de alguma rede brasileira cobrindo os jogos da Copa. Quando cheguei ao Brasil obtive informações de que poucas foram as notícias em

¹⁰ Site da internet – www.aoki.eng.br/beto/feminino.htm

telejornais e apenas algumas notas nos jornais escritos, sendo que nenhum jogo da Seleção Brasileira foi transmitido, o que muito me entristeceu. Já as manchetes nos jornais americanos, escritos e falados, eram cheias de preciosismo, principalmente com relação a equipe da casa. As jogadoras da Seleção Americana eram requisitadas e adoradas por todos, homens, mulheres, crianças e famílias inteiras. Os rostos pintados, o uso de vestimentas, representavam bem o espírito de nacionalismo com que os torcedores iam ao estádio.

Enquanto estive nos Estados Unidos coletei anúncios de jornais e também revistas que tinham reportagem sobre o mundial. Nesses anúncios, não faltaram manchetes da Seleção Brasileira e da sua maior figura, reconhecida e muito bem reconhecida pelos americanos, Sisi. Ela era a jogadora mais citada pelo público americano e também a mais comentada nos telejornais. Era muito gratificante como brasileira, ouvir das arquibancadas do estádio as crianças tentando reconhecer as jogadoras brasileiras e se referindo a elas com muito respeito. Pelos vários locais que passei, falavam do Brasil tendo em mente a jogadora Sisi, assim como também falavam do Ronaldinho. Em todos os locais que chegava de viagem corria rápido para a televisão. Assisti a muitos jogos, inclusive da Seleção Brasileira e Americana.

No dia da decisão do mundial, um estádio com 90 mil pessoas (segundo Revista Época de 28 de junho de 1999, superando o público da final da Copa de futebol masculino em 1994), festejavam o encerramento da terceira edição do Campeonato Feminino. Pude perceber, talvez pelo prestígio que o nosso futebol tem no exterior, que o público vibrava a cada lance executado pela nossa seleção, principalmente quando eram executados com a ginga brasileira. Acho que para as nossas jogadoras, participar da Copa do Mundo nos Estados Unidos, foi viver no paraíso. Essa relação não está ligada à riqueza, mas sim ao reconhecimento que tiveram pelo público. Em um desses momentos estive bem próxima a elas, logo após a conquista do terceiro lugar quando elas subiram para assistir ao jogo e sentaram ao meu lado. Tive muita sorte, pois elas entraram no lugar errado, então pude cumprimentá-las pela conquista. Assim que o público percebeu tal acontecimento, vieram em direção às jogadoras, pedir autógrafa e tirar fotos.

O incentivo às crianças para jogarem o futebol é muito grande e de fato pude comprovar isso assistindo a propagandas voltadas à prática do futebol pelas crianças, crianças essas, bem pequenas, nos seus quatro, cinco anos de idade. Nessa propaganda várias crianças jogavam futebol em um gramado, separadas em dois times, de diferentes

raças (japonesas, negras, claras) e também com biotipos bem diferenciados (gordas, magras, altas e baixas). Outro fato que me chamou a atenção, foi uma propaganda muito bem bolada. Era a representação das grandes jogadoras da Copa na época em que ainda eram crianças, e suas habilidades que chamavam a atenção de seus familiares. Um exemplo é a capitã chinesa Sue Wen, com a sua família em um lugar pacato, tranquilo, seu pai resolve jogar a bola para a filha que lhe devolve de cabeceio e com muita força, pede para que ela jogue com as mãos e então joga novamente a bola, a criança cabeceia a bola tão forte que até quebra os vidros do lugar onde estavam. Após essa cena aparece a jogadora em atividade, cabeceando a bola em direção ao gol. Tudo isso sem falar nas propagandas onde as jogadoras americanas (Mia Hamm, Julie Foudy, Cristine Lilly, entre outras) eram aclamadas.

Esse incentivo tem dados resultados positivos, como o crescimento do número de crianças entre 9 e 13 anos que procuram os numerosos cursos onde estas são avaliadas (Womens Soccer World, March/April98, p. 16). Em um desses cursos oferecidos pela Universidade da Virginia, a divisão inicial é feita da seguinte forma. Crianças com 6 anos trabalharão o desenvolvimento da coordenação geral, com o esporte divertimento. Nos 7 e 8 anos, mais habilidades com a bola são introduzidas, enfatizando o drible e alguns movimentos específicos. Nos 9 e 10 anos são passados alguns ensinamentos e controle de bola avançado. Em campos residenciais esse divisão é feita de acordo com o nível de habilidades das crianças (Womens Soccer World, March/April98, p. 17). A busca de resultados nos Estados Unidos é intensa e por isso crianças cada vez menores estão envolvidas nesse processo.

Hoje no mundo temos muitos países que tem uma seleção feminina de futebol que representa o país, porém são poucos que conseguem índice para disputar campeonatos internacionais. Na América do Sul, quase todos os países possuem times femininos, mas a liderança é totalmente brasileira. A tendência é cada vez mais, times surgirem, fazendo com que o quadro internacional fique mais rico e mais campeonatos sejam promovidos.

5. Fator de Incentivo para a Modalidade

Este trabalho contou com uma pesquisa de campo. Nessa pesquisa entrevistamos, tanto meninas que praticam como as que não praticam o futebol, não tendo uma faixa etária delimitada, num total de cinquenta e um (51) indivíduos, todas da região de Campinas - SP. Essa diversidade será importante para apontar diferenças e igualdades relacionadas à prática do futebol. O questionário (*vide Anexo*) foi composto por perguntas fechadas, nove ao todo.

Com esse questionário pretendeu-se coletar dados para responder à certas hipóteses colocadas nesse trabalho, como o possível incentivo, pela Educação Física escolar à prática da modalidade e ampliação do número de praticantes, assim como também a possível diminuição do preconceito nessa prática.

Os indivíduos pesquisados tinham entre 14 e 30 anos, sendo que a maioria estava entre 16 e 23 anos (*vide Anexo*). Das entrevistadas, 96,08% (49 indivíduos) já tinha tido contato com o futebol, sendo que apenas 3,92% (2 indivíduos) não teve nenhum contato.

Um total de 45,45% (10 indivíduos) responderam que não jogam atualmente ou não jogaram devido a não gostar, não se sentirem estimuladas, nunca tiveram oportunidade. Talvez o processo de aprendizagem não tenha contribuído, de forma a incentivá-las, para que tivessem contato com o futebol. Um outro ponto reparado, foi a falta de tempo atribuído por 36,36% (8 indivíduos) das entrevistadas como motivo do não jogar. Apenas 12,24% (6 indivíduos) jogavam futebol desde pequenas, enquanto os outros pontos mantiveram números iguais entre si (*vide Anexo*).

Os locais que mais contribuíram para a prática do futebol foram as Instituições de Ensino e as Áreas Livres (rua, praia, sítio, etc.). Interessante destacar que as Escolas de Esporte não tiveram grande representatividade. Mais da metade das entrevistadas, 53,84% (35 indivíduos) joga/jogou futebol em dias fixos na semana.

Cerca de 73,46% (36 indivíduos) responderam que jogaram futebol na Escola, sendo 79,54% (35 indivíduos) o fizeram nas aulas de Educação Física.

Quando elaborei uma pergunta sobre preconceito não pensei que as entrevistadas pudessem interpretar de formas diferentes, o que tornou o termo muito amplo. Talvez por isso, 63,26% (31 indivíduos) responderam que não sofreram preconceito. As entrevistadas que sofreram preconceito, citaram os Desconhecidos Homens como os

mais desencadeadores, depois Desconhecidos Mulheres e Familiares. Para essas, o preconceito não influenciou na prática do futebol.

6. Considerações Finais

Levando em consideração os dados coletados nas entrevistas e o conteúdo desenvolvido no trabalho, posso revelar que a Educação Física tem muita responsabilidade no papel de incentivar a prática do futebol feminino, minimizando preconceitos advindos de épocas anteriores e que estão presentes até hoje em nossa sociedade.

Desmitificar o futebol dentro das aulas de Educação Física não é uma tarefa muito fácil devido sua carga cultural, como foi desenvolvido. Além disso, devemos tentar atingir o gênero masculino, que demonstrou pelas respostas das entrevistadas ser a porção que mais demonstrou o preconceito. Assim também, algumas mulheres e familiares abordam o assunto de forma preconceituosa. Os problemas com o futebol feminino e sua disseminação estão muito mais ligados à sociedade do que à atividade em si. É nas Instituições de Ensino que o espaço está aberto, a prática ocorre com maior frequência e as condições são favoráveis para a implantação de um novo pensamento na área, livre de qualquer restrição e preconceito.

A questão agora é tempo, temos que tomá-lo como aliado e trabalharmos para a inversão do quadro do futebol feminino.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARONTI, R. F. *O futebol como conteúdo das aulas de Educação Física para o sexo feminino*. Campinas, 1996, 41p. Monografia (Licenciatura) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1996.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 96 p., v. 7, 1997.
- CARVALHO, A. M. de *Violência no desporto*. Lisboa: Horizonte, 1985.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.
- CAVALCANTI, K. B. *Esporte para todos*. São Paulo: IBRASA, 1984.
- DAOLIO, J. *A violência no futebol brasileiro*. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v.6, n.1, p. 57-61, 1992.
- DAOLIO, J. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.
- FERREIRA, R. L. *Futsal e a iniciação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1992.
- . *Pedagogia do futebol*. Londrina: Midiograf, 1998.
- GRANDINO, A., MELO, C. P. de, NORONHA, D. et al. *Macho, masculino, homem*. 2. ed.. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- MALAGODI, L. S. *O Desenvolvimento do futebol para meninas em escolas de primeira a quarta série*. Campinas: FEF: UNICAMP, 1999.(Iniciação Científica).
- MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.
- MOLLER, J., ANDERSEN, J. S. *Society's Watchdog – Orshowbiz “Pet”*. Danish Gymnastics and sports associations. Vingsted, Dinamarca: 1998. (xerox)
- MURAD, M. et al. *Futebol: síntese da vida brasileira*. Pesquisa de Campo, Rio de Janeiro, v. , nº 3/4, p. 103, 1996.
- COMO é ser gay nas quadras. Veja, São Paulo, v. 32, n. 13, 1991, p. 70, mar. 1999.
- RECORDE de público nos estádios americanos com a copa mundial de futebol feminino. Época, v. 2, n. 58, p. 58, jun. 1999.
- SAVIANI, D. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 1997.
- WOMENS SOCCER WORLD. Montgomery: Women's Soccer World, 1997-99. Bimestral.

INTERNET:

URL:<http://www.aoki.eng.br/beto/feminino.htm>.

8. BIBLIOGRAFIA

- ASTI VERA, A. et al.** *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1974.
- FERREIRA, A. B. de H.** *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MOREIRA, W. W.** *Educação Física escolar: uma abordagem fenomenológica*. 3. ed. Campinas:Ed. da UNICAMP, 1995.
- OLIVEIRA, J. G. M. de, BETTI, M., OLIVEIRA, W. M. de.** *Educação Física e o ensino de 1º grau*. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- SOARES, C. L. et al.** *Metodologia do ensino de educação física*. 2. ed. São Paulo: Cortez,1992.
- TOBIAS, J. A.** *Como fazer sua pesquisa*. São Paulo: AM Edições, 1992.
- INTERNET:**
- URL:**<http://www.tricolornet.com.br/mulheres>.
- URL:**<http://www.womensoccer.com>.
- URL:**<http://www.tricolornet.com.br/mulheres/inicio.htm> .
- URL:**<http://www.womensoccer.com/wwcup99/wwteams.htm>.

9. ANEXOS

| | | |
|--|--|---|
| 11 - Esse Preconceito Influenciou na sua Prática? | 87,5% (14) – Não 6,25% (1) – Sim 6,25% (1) – Não responderam 100% = 16 respostas N=16 | O preconceito sofrido foi declarado como não influenciador na prática do futebol. |
|--|--|---|

Na primeira coluna estão descritas as perguntas feitas no questionário, um total de onze (11).

Na segunda coluna estão descritos os resultados obtidos das respostas do questionário, em porcentagens; o número total de indivíduos, representado pela letra N; e também o número total de respostas como 100%.

Na terceira coluna estão citados os dados mais importantes, de relevância para o trabalho.

Questionário de Entrevista

Idade: _____

Joga Futebol: sim não

Jogou Futebol: sim não

Caso alguma das respostas acima seja negativa, responda a seguinte.

Qual motivo do não jogar: não gosta proibições contusões
 nunca teve oportunidade falta de tempo
 não se sentiu estimulada para tal
 outros _____

Caso alguma das respostas acima seja afirmativa, responda as seguintes.

Há quantos anos joga/jogou futebol: menos de 1 desde pequena
 1 – 3
 3 – 6
 mais de 6 anos

Onde joga/jogou: clube
 instituição de ensino (escola, faculdade)
 times de futebol
 escola de esporte
 áreas livres (ruas, campos, sítio)
 outros _____

Quando joga/jogou: férias esporadicamente
 finais de semana
 dias fixos na semana
 outros _____

Joga/jogou futebol na escola (1ª a 8ª série): sim não

Onde: educação física
 escola de esportes
 intervalo
 outros _____

Já sofreu preconceito: sim não

Por parte de quem: familiares amigos/as
 professores/as desconhecidos mulheres
 desconhecidos homens
 outros _____

Esse preconceito influencia/inflenciou na vontade de jogar futebol: sim não

TABELA DE DADOS COLETADOS

| Idade | Joga/Jogou Futebol | | Qual motivo de não jogar | Há quantos anos joga/jogou | Onde joga/jogou | Quando joga/jogou | Joga/jogou futebol na escola | Onde | Já sofreu preconceito | Por parte de quem | Esse preconceito influencia/ou na vontade de jogar |
|-------|--------------------|-----|--------------------------|----------------------------|-----------------|-------------------|------------------------------|------|-----------------------|-------------------|--|
| 16 | S | S | ---- | DP | CL/IE/AL | F/FS | S | EF/I | N | ---- | ---- |
| 19 | N | S | FT | +6 | IE/TF/AL | F/FS/DFS | S | EF/I | S | FL/P/A/DH/DM | S |
| 21 | S | S | --- | +6 | IE/CL/AL | F/FS/E | S | EF | N | --- | --- |
| 22 | N | S | FT | 1-3 | IE | E | S | EF | N | --- | --- |
| 23 | S | --- | --- | 3-6 | IE | DFS | S | EF | N | --- | --- |
| 23 | S | --- | --- | 3-6 | IE | DFS | N | --- | S | DH | N |
| 24 | N | S | FT | 3-6 | IE | DFS | S | EF | S | DM | N |
| 24 | N | S | FT | -1 | IE/AL | FS/DFS | S | EF | N | --- | --- |
| 27 | S | --- | --- | +6 | IE | DFS | N | --- | N | --- | N |
| 30 | N | N | NSE | --- | --- | --- | N | --- | S | A | S |
| 30 | S | S | --- | +6 | IE | DFS | N | --- | N | --- | --- |
| 18 | S | --- | --- | DP | CL/IE/TF/EE/AL | DFS | S | EF | S | FL | N |
| 19 | S | N | --- | 1-3 | IE/EE | DFS | N | --- | N | --- | N |
| 20 | S | --- | --- | +6 | AL | E | N | --- | N | --- | N |
| 21 | --- | S | --- | 1-3 | IE/AL | DFS/E | N | --- | N | --- | --- |
| 22 | N | N | FT | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| 22 | N | S | FT | -1 | IE/AL | E | S | EF | S | DH/A | N |
| 22 | S | --- | --- | DP | IE | E | S | EF | N | --- | N |
| 23 | N | S | O | +6 | AL | E | N | --- | S | O | N |
| 25 | S | S | --- | DP | AL | E | S | EF | N | --- | N |
| 27 | N | S | NTO | -1 | IE | E | S | EF | N | --- | N |

| | | | | | | | | | | | |
|----|---|-----|------|-----|-----------------|----------|---|--------|-----|-------|-----|
| 16 | N | S | FT/O | +6 | IE/AL/O | F/E | S | EF/O | --- | --- | --- |
| 16 | N | S | NG | --- | AL | E | S | EF | --- | --- | --- |
| 16 | N | S | --- | +6 | IE | O | S | EF | N | --- | --- |
| 16 | N | S | NG | -1 | IE/O | F/DFS | S | EF | N | --- | --- |
| 16 | N | S | NSE | +6 | IE | DFS | S | EF | N | --- | N |
| 16 | S | S | --- | DP | IE | DFS | S | EF | N | --- | N |
| 16 | N | S | NSE | 1-3 | IE | DFS | S | EF | N | --- | N |
| 18 | S | S | --- | +6 | TF | DFS | S | I | S | DH | N |
| 17 | S | S | --- | 3-6 | TF | DFS | S | EF | N | --- | --- |
| 16 | S | S | --- | 3-6 | CL | FS | S | EF | N | --- | --- |
| 14 | S | S | --- | 1-3 | TF | O | S | EF | N | --- | --- |
| 15 | S | S | --- | 3-6 | TF | DFS | S | EF | N | --- | N |
| 21 | S | S | --- | 3-6 | TF | DFS | S | EF | S | DH | N |
| 16 | S | S | --- | +6 | TF | DFS | S | EF/I/O | S | DH | N |
| 16 | S | S | --- | 3-6 | TF | DFS | S | EF/I | S | DH/DM | N |
| 21 | N | S | FT | -1 | IE/AL | F/DFS/FS | N | --- | N | --- | N |
| 21 | S | S | --- | +6 | IE/TF/AL | F/FS/DFS | S | EF/I | S | DH/DM | N |
| 20 | S | --- | --- | 1-3 | IE | DFS | N | --- | S | F | N |
| 19 | S | N | NTO | -1 | IE | DFS | S | EF | N | --- | --- |
| 19 | S | N | NTO | -1 | IE | DFS | S | EF | N | --- | --- |
| 17 | S | S | --- | DP | CL/IE/TF /AL | DFS | S | EF/I | S | DH/DM | --- |
| 19 | S | N | NTO | -1 | IE | DFS | S | EF | S | F | N |
| 22 | S | S | --- | -1 | IE | DFS | N | --- | N | --- | N |
| 20 | S | S | --- | 3-6 | IE | DFS | S | EF | N | --- | N |
| 18 | S | S | --- | 1-3 | CL | DFS | N | --- | N | --- | N |
| 18 | S | N | NSE | -1 | IE | DFS | S | EF | N | --- | N |
| 22 | S | S | --- | 1-3 | IE | DFS | N | --- | S | DH | N |
| 21 | S | S | --- | 1-3 | CL/IE | F/DFS | S | EF | N | --- | --- |

| | | | | | | | | | | | |
|----|---|---|-----|-----|-------|----------|---|-----|---|-----|---|
| 21 | S | S | --- | 1-3 | IE | DFS | N | --- | N | --- | N |
| 19 | S | S | --- | 1-3 | IE/AL | E/FS/DFS | S | EF | S | F | N |

Legenda:

NG – Não gosta

NTO – Nunca teve oportunidade

NSE – Não se sentiu estimulada para tal

C – Contusões

FT – Falta de tempo

O – Outros

N – Não

S – Sim

DP – Desde pequena

E – Esporadicamente

EF – Educação Física

I – Intervalo

CL – Clube

IE – Instituição de ensino

TF – Times de futebol

EE – Escola de esportes

AL – Áreas livres

F - Férias

FS – Finais de semana

DFS – Dias fixos na semana

A – Amigos/as

FL - Familiares

P - Professores

DH – Desconhecidos homens

DM – Desconhecidos mulheres

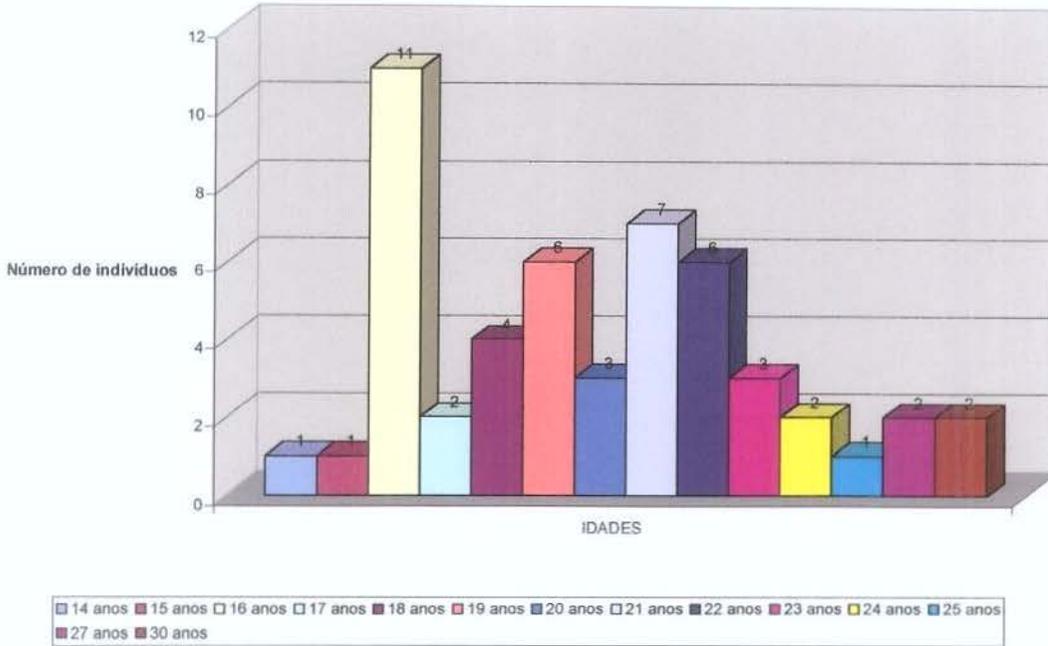
Análise de Dados

| Gráficos | Porcentagens | Dados Importantes |
|---|---|---|
| 01 – Idade dos Indivíduos | 21,56% (11) – 16 anos 13,72% (7) – 21 anos 11,76% (6) – 19 anos 11,76% (6) – 22 anos 7,84% (4) – 18 anos 5,88% (3) – 20 anos 5,88% (3) – 23 anos 3,92% (2) – 17 anos 3,92% (2) – 24 anos 3,92% (2) – 27 anos 3,92% (2) – 30 anos 1,96% (1) – 14 anos 1,96% (1) – 15 anos 1,96% (1) – 25 anos 100% = 51 indivíduos N=51 | Indivíduos pesquisados estavam na faixa etária de 14 a 30 anos de idade. Total de 51 indivíduos entrevistados. |
| 02 – Joga e/ou Jogou Futebol? | 43,13% (22) – J/J 27,45% (14) – NJ/J 13,72% (7) – Joga 9,80% (5) – J/NJ 3,92% (2) – NJ/NJ 1,96% (1) – Jogou 100% = 51 respostas N=51 | Das entrevistadas, 96,08% (49) já tiveram contato com o futebol. Apenas 3,92% (2) nunca jogaram futebol. |
| 03 – Qual Motivo de não Jogar? | 36,36% (8) – Falta de Tempo 18,18% (4) – Não se Sentiram Estimuladas 18,18% (4) – Nunca Teve Oportunidade 9,09% (2) – Não Gostam 9,09% (2) – Outros Motivos 9,09% (2) – Não responderam 100% = 22 respostas N=21 | Talvez o processo de aprendizagem para cerca de 45,45% (10) das entrevistadas não tenha contribuído para o contato com o futebol. A falta de tempo foi atribuída por 36,36% (8) como motivo de não jogar. |
| 04 – Quantos anos Joga ou Jogou? | 24,48% (12) – Mais de 6 anos 22,44% (11) – De 1 a 3 anos 20,40% (10) – Menos de 1 ano 18,36% (9) – De 3 a 6 anos 12,24% (6) – Desde Pequena 2,04% (1) – Não responderam 100% = 49 respostas N=49 | Das entrevistadas 12,24% (6) jogam futebol desde pequenas. Um número bastante igual de indivíduos para as diferentes etapas destacadas. |

| | | |
|---|---|---|
| 05 – Onde Joga ou Jogou? | <p>48,64% (36) – Instituição de Ensino 21,62% (16) – Áreas Livres 14,86% (11) – Times de Futebol 9,45% (7) – Clubes 2,70% (2) – Escola de Esportes 2,70% (2) – Outros 100% = 74 respostas N=49</p> | <p>Os locais que mais contribuíram para a prática do futebol, segundo as entrevistadas foram as Instituições de Ensino e as Áreas Livres (ruas, sítio, praia, etc). A Escola de Esportes, segundo os dados, 2,70% (2), não tiveram grande representatividade.</p> |
| 06 – Quando Joga ou Jogou? | <p>53,84% (35) – Dias fixos na semana 16,92% (11) – Esporadicamente 13,84% (9) – Férias 12,30% (8) – Finais de semana 3,07% (2) – Outros 100% = 65 respostas N=49</p> | <p>Mais da metade das entrevistadas, 53,84% (35), joga/jogou futebol em dias fixos na semana.</p> |
| 07 – Joga ou Jogou Futebol na Escola? | <p>73,46% (36) – Sim 26,53% (13) – Não 100% = 49 indivíduos N=49</p> | <p>Grande número das entrevistadas, 73,46% (36), praticaram o futebol na Escola.</p> |
| 08 – Onde Joga ou Jogou Futebol na Escola? | <p>79,54% (35) – Educação Física 15,90% (7) – Intervalo 4,54% (2) – Outros 100% = 44 respostas N=36</p> | <p>As que praticaram futebol na Escola, 79,54% (35), o fizeram nas aulas de Educação Física.</p> |
| 09 – Sofreu Preconceito? | <p>63,26% (31) – Não 32,65% (16) – Sim 4,08% (2) – Não responderam 100% = 49 respostas N=49</p> | <p>Mais da metade das entrevistadas, 63,26% (31), não sofreram preconceito, ou nos deixa a entender que a palavra preconceito teve diferentes entendimentos.</p> |
| 10 – Por parte de Quem? | <p>41,66% (10) – Desconhecidos Homens 20,83% (5) – Desconhecidas Mulheres 20,83% (5) – Familiares 8,33% (2) – Amigos 4,16% (1) – Professores 4,16% (1) – Outros 100% = 24 respostas N=16</p> | <p>Os Desconhecidos Homens foram os mais citados como desencadeadores de preconceito. As Desconhecidas Mulheres e os Familiares foram os segundos mais citados.</p> |

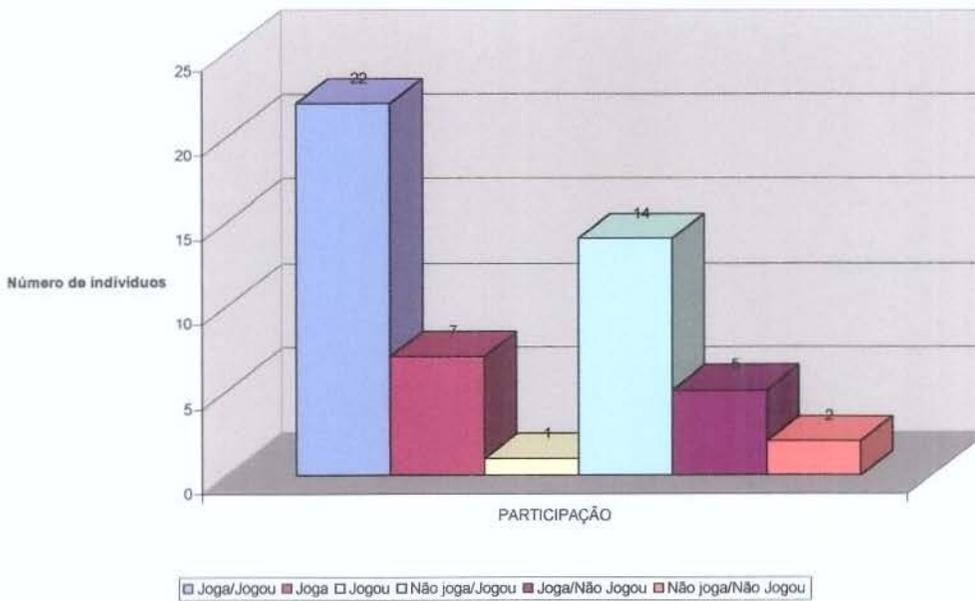
GRÁFICOS

Idade dos Indivíduos Pesquisados



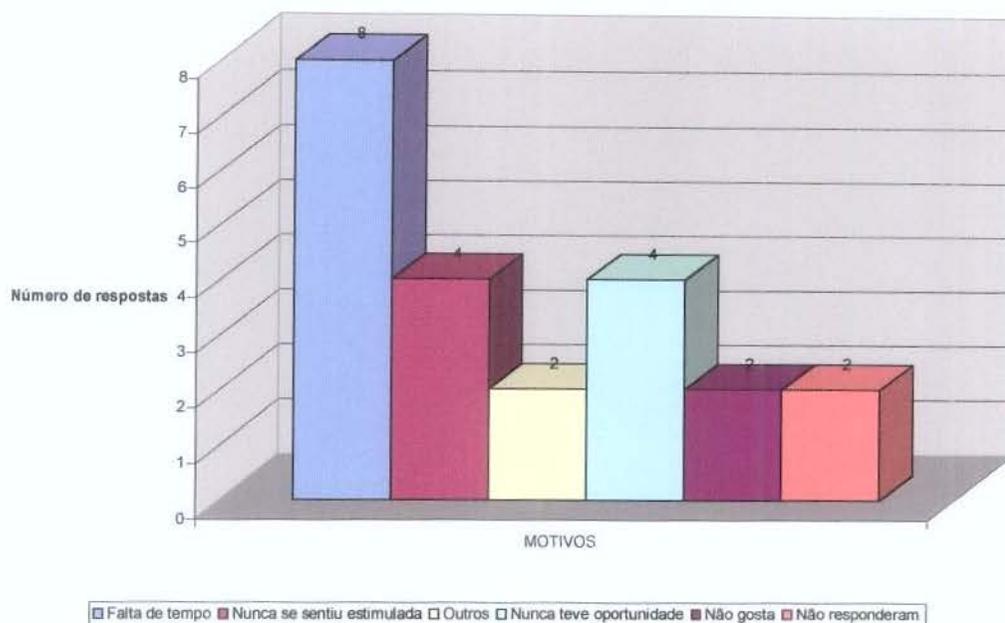
01

Participação das Mulheres



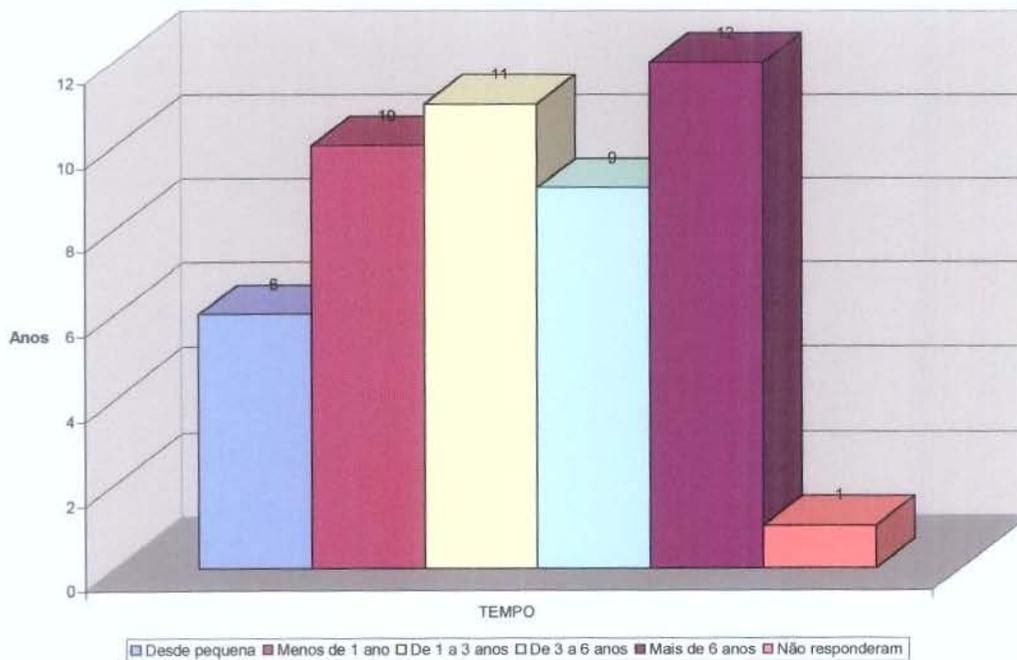
02

Motivo do não jogar



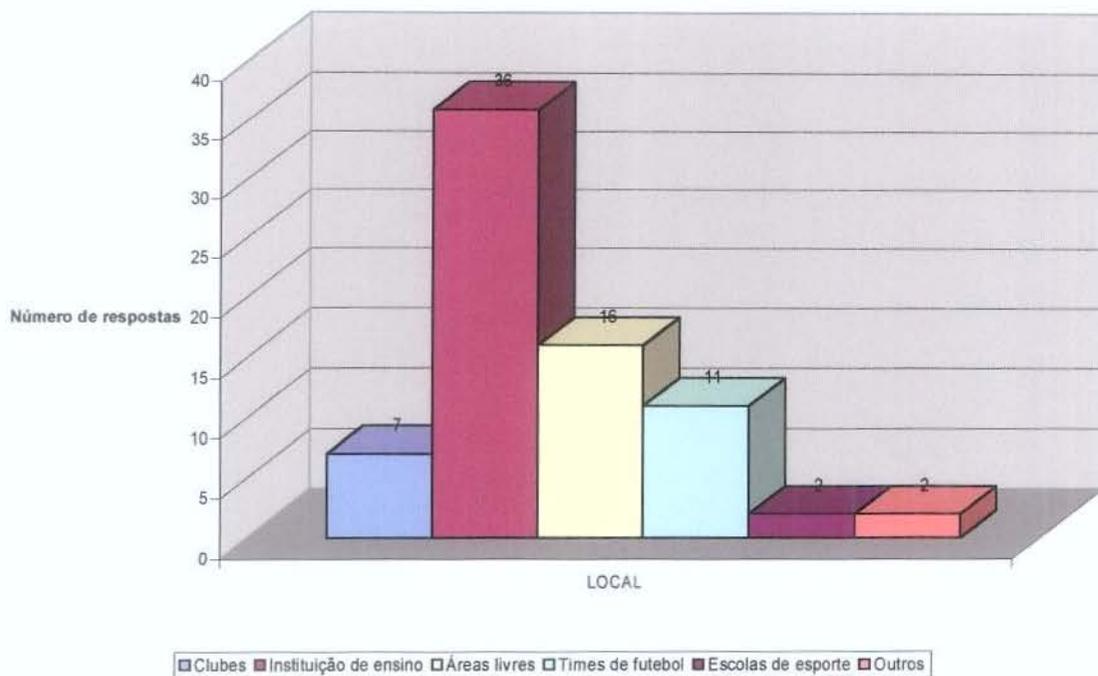
03

A Quanto Tempo Joga



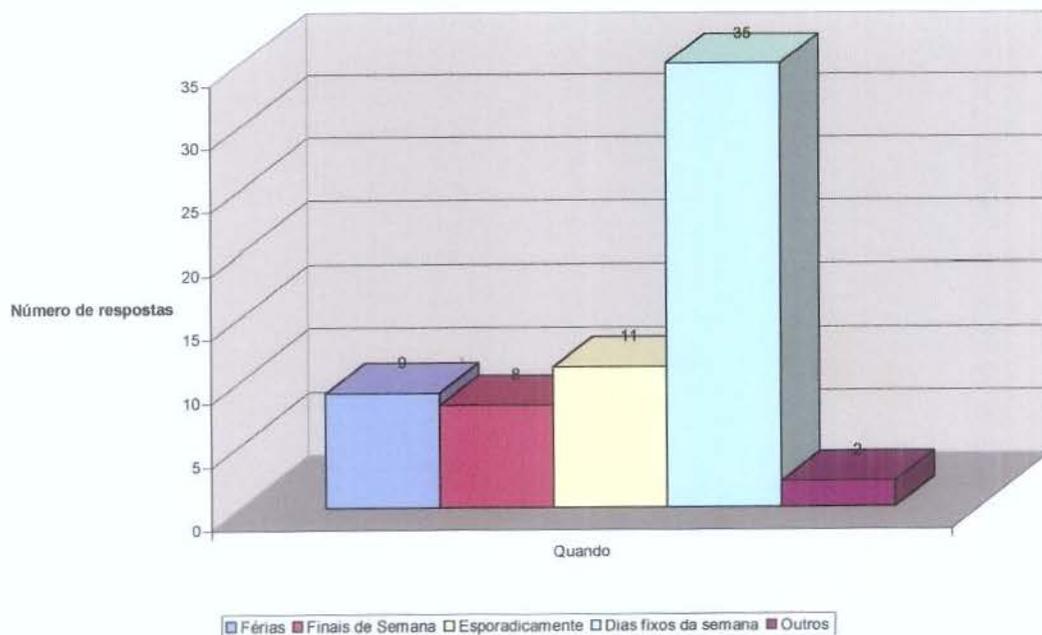
04

Onde Joga



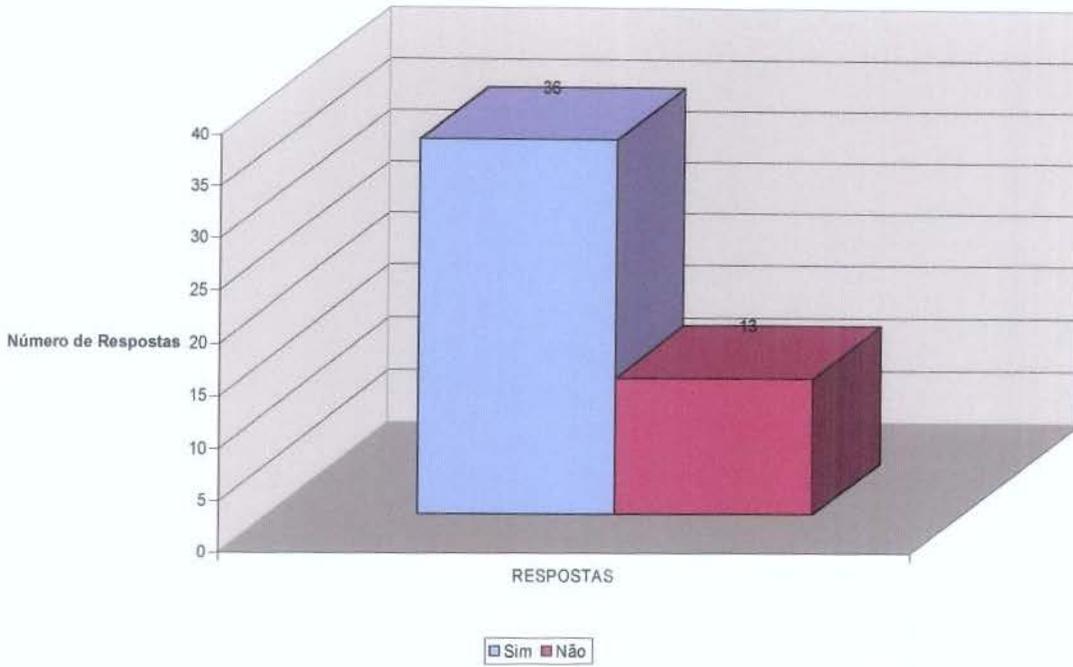
05

Quando Joga



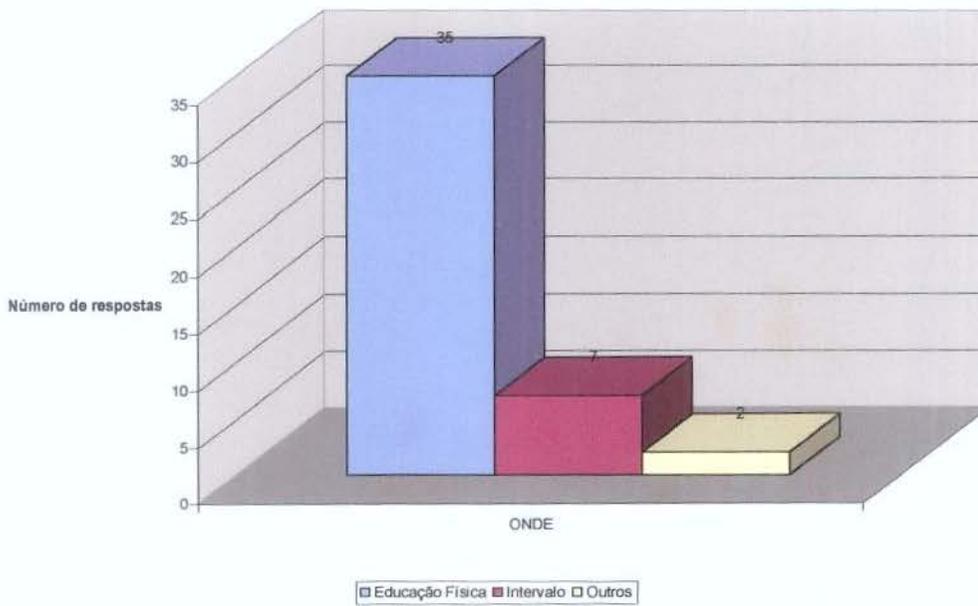
06

Joga/Jogou Futebol na Escolar



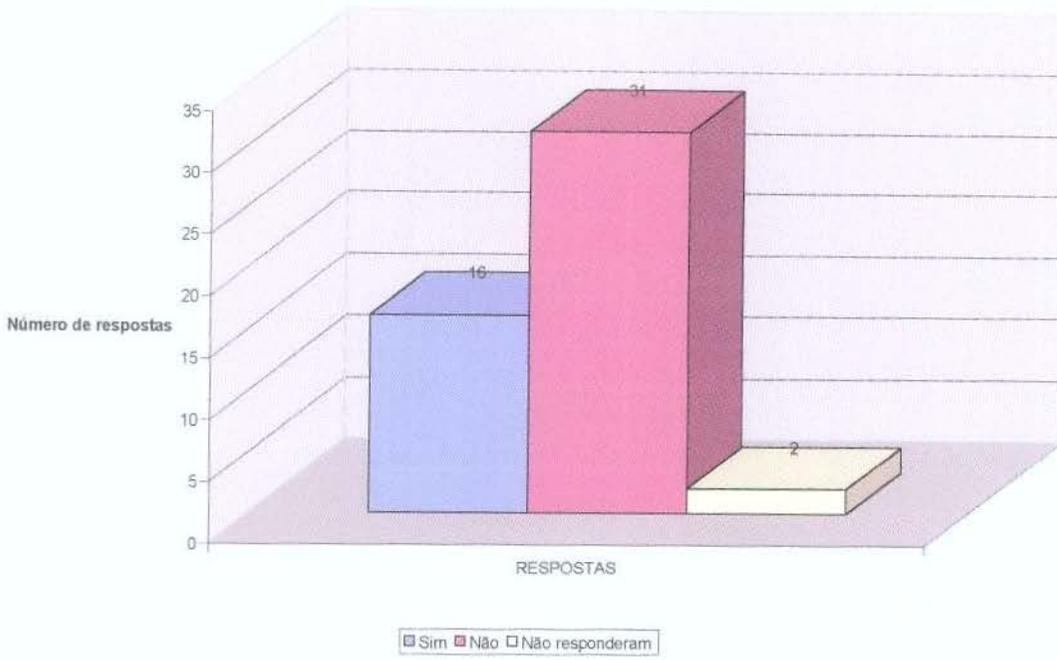
07

Onde Jogou na Escola



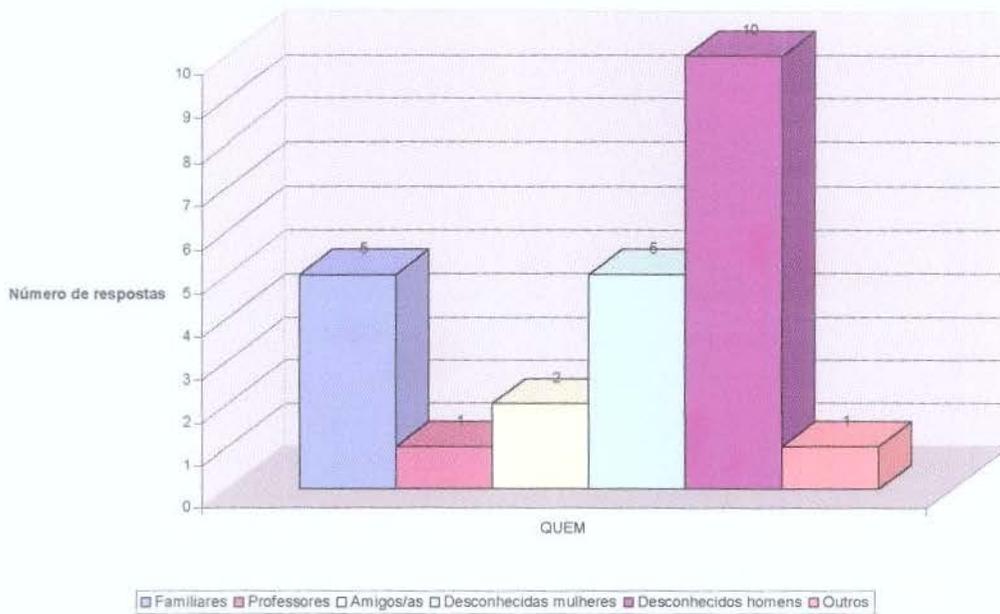
08

Preconceito



09

Por Parte de Quem



10

Influência

